



23º. Domingo depois de Pentecostes (07/11/04)

Próprio 27

1ª leitura (Antigo Testamento) – Jó 19.23-27a

A leitura do Antigo Testamento deste domingo é extraída do quinto discurso poético do livro de Jó. Essa seção está emoldurada pela narrativa de 1.1-2.13 e 42.7-11.

Jó, homem íntegro, justo e devoto vê, de repente, sua família e seus bens arrasados, saqueados e destruídos por fenômenos naturais e agentes humanos violentos. (Ver 1.13-19) Nessa situação, os amigos de Jó o visitam e aí começam os discursos na forma poética. Jó defende sua inocência e os amigos entram com a teologia da retribuição, a qual faz a ligação causal entre o sofrimento e a transgressão. Diga-se de passagem que, infelizmente, esta teologia ainda orienta muitos cristãos. Atrás do sofrimento humano está algum segredo que não pode ser contado. Quem obedece a Deus recebe a bênção. Na forma simplificada, Deus é aquele que, com todo o poder na suas mãos, está sempre ajustando contas com suas criaturas. Jó questiona esse deus. Esse debate entre Jó e seus amigos termina com o discurso de Deus e a resposta de Jó. E, então, vem a forma narrativa, na qual Deus repreende os amigos de Jó por apresentarem uma imagem inadequada e falsa de Deus, mostrando que Jó estava certo. (Ler 42.7ss. Deus disse a Elifaz: a minha cólera acende contra ti e contra teus dois amigos, porque não falaste de mim com retidão como fez o meu servo Jó.)

Jó 19.23-27 combina a lamentação e confissão de confiança em Deus. Jó está na situação de quem é acusado de haver transgredido a vontade de Deus e Bidade descreve a Jó o destino dos perversos. Ele era rico, mas agora passa fome e uma doença mortal se espalha pelo seu corpo... o seu nome será esquecido... será expulso do mundo dos vivos, não terá descendentes... (18.12ss.) Diante disso, Jó pede a justiça, a justiça em favor do inocente, (ler, também, 16.18-22; 17.3). É um apelo a Deus contra o deus inadequadamente apresentado pelos amigos. É o apelo por um defensor, advogado e redentor para além da morte.

Esse clamor foi ouvido, na perspectiva do Novo Testamento na Cruz e na ressurreição de Jesus Cristo. O Deus que ouviu o grito de Jesus na Cruz é o mesmo Deus que ouviu o clamor dos sofredores no Êxodo e noutros tempos.

Aqui vemos a liberdade que a confiança em Deus nos proporciona. Por isso é, também, convite para revisar e renovar o que falamos sobre Deus. Pois Deus pode ser uma caixa vazia em que podemos colocar os nossos desejos. Deus assim não é o Deus que se revelou em Jesus Cristo como o defensor dos inocentes e que procura o restabelecimento (conversão, transformação, etc.) dos perversos fadados a ser reduzidos a nada. (ST)

2º. comentário –

Jó passara uma situação desalentadora. Perdera família e bens, ou por fenômenos naturais ou por agentes humanos violentos. Alguns amigos foram visitá-lo



para levar-lhes consolo. Mas, que consolo? Jô continua proclamando que não merecia nada daquilo e protesta inocência. Seus amigos então apelam para a teologia da retribuição, que explica o sofrimento como conseqüência de pecados e transgressões. É uma espécie de "lei do carma" em versão judaico-cristã. Jó, porém, rejeita essa teologia e insiste em dialogar com Deus. O texto de hoje se insere nessa seção em que Jó se lamenta diante de Deus. Acusado por seus "amigos", Jô pede justiça, a justiça em favor de um inocente.

Apesar de todas as acusações, ele clama por um "goél", um amigo verdadeiro, um parente próximo, que o redima de seu sofrimento. A Vulgata traduziu "go'el" por "Redentor", em chave cristológica e, em geral, a tradição da Igreja viu nesse clamor também um anúncio profético: Cristo é o nosso Redentor, o nosso advogado de defesa junto ao Pai.

O fato é que em meio a tanto sofrimento, Jó possuía uma certeza inabalável: "eu sei..." Contra todas as acusações de seus "amigos", Jó manteve a esperança de que sua inocência seria reconhecida.

O personagem literário "Jó" tornou-se um poderoso símbolo para a tradição cristã. O judaísmo, de certo modo, se inspira para sobreviver enquanto povo e religião, nesse personagem. Assim como Jó perdeu bens e família, os judeus também sofreram muito em épocas diferentes da história, antes e depois de Cristo. Ainda assim permanecem na sua esperança de que um dia o Messias os redimirá. Nós, cristãos, que reconhecemos Jesus como o Messias, nosso Redentor, também nos espelhamos em Jó para manter a esperança, mesmo em meio a todos os sofrimentos do tempo presente (CEBC).

2ª leitura (Epístola) – II Tessalonicenses 2.13 a 3.5

Na leitura de hoje o autor da carta continua orando em favor da Igreja em Tessalônica. Agora entra um novo item: agradecimento pela vocação deles desde o início dos tempos, (por ex. Jeremias e Paulo) pela santificação no Espírito Santo, pela fé na verdade. Aqui o contraste é entre o ensino verdadeiro e o ensino falso. A verdade se refere à tradição paulina, em contraste com as epístolas paulinas, onde a fé é em Cristo, aqui a fé é na verdade.

A participação na glória de Deus é colocada como alvo da vocação.

No Novo Testamento, o alvo da vocação é exposto de várias maneiras: (1) os membros da Igreja são chamados à liberdade (Gl 5.13), ou à paz de Cristo, (Cl 3.15), ou ao Banquete do Casamento do Cordeiro (Ap 19.9), ou à recepção da promessa da herança eterna (He 9.15), ou à vida eterna (1Tm 6.12) ou à eterna glória (1Pe 5.10).

A liberdade, paz, banquete, vida e glória eterna não são realidades autônomas, abstraídas de Jesus Cristo a quem o Pai enviou. A glória é a de quem fez doação voluntária a serviço do Pai em favor de toda a humanidade. A vida eterna é a vida em comunhão com o Deus Triúno, a qual é revelada na doação de Cristo. Assim o alvo da vocação cristã é o serviço e testemunho de quem está entre nós como quem serve, isto é, o Cristo diácono. (Lc 22.27)

É bom sempre se lembrar de que essa vocação para o serviço começa com o Batismo. É claro que o Batismo, por si só, não confere a ninguém a ordem de diácono,



mas chama para a existência básica da Igreja como comunidade servidora por causa de Jesus Cristo.

O autor da carta não só ora em favor da Igreja em Tessalônica, mas também se coloca nas mãos deles em oração, para que o Evangelho tenha livre curso. Então, a preocupação é missionária, isto é, como o Evangelho pode ser anunciado e como o modo da Igreja relacionar-se com os de fora pode contribuir para tanto.

É verdade que há influências no mundo que deturpam o Evangelho e desviam as pessoas da comunhão com Cristo. Diante disso, o autor chama atenção para a fidelidade de Deus, que nasce da bondade e que guardará a Igreja de Tessalônica e seus membros do maligno.

O autor termina desejando que Deus que o Senhor guie o coração deles e dele para o amor de Deus e para a perseverança, paciência esperançosa de Cristo. (1Ts 1.3; 5.8; 1Co 13.13)

Tudo isto significa que é preciso proclamar o Evangelho com ousadia e fidelidade e ter a paciência esperançosa com os que não concordam conosco.

Outro ponto importante a observar é que conduzir o coração para o amor de Deus significa amar a Deus, que em Jesus Cristo, se envolveu com os clamores e dores de todos os tipos a tal ponto que a sua auto-doação se expressou na Cruz. O grande mandamento inclui o amor ao próximo. Disto temos de nos lembrar sempre.

É verdade que a carta foi dirigida à comunidade perturbada pelo falso ensino e a mensagem tem sua data. No entanto, hoje há muitas pessoas que vivem apavoradas com o que vai vir e pode vir em conseqüência das decisões tomadas por pessoas ou grupos cujas faces e endereços desconhecemos. E as decisões deles afetam profundamente a vida, projetos e futuro de muitas pessoas. Ouvi, há alguns anos, a estória de muitos estudantes japoneses na Inglaterra que não sabiam o que fazer quando Yens se desvalorizaram. Donde tirar as diferenças. Semelhante coisa aconteceu com as agências de apoio de serviço que fizeram os projetos em dólares e quando, repentinamente, sua moeda se desvalorizou e os destinatários da ajuda queriam os valores equivalentes em dólares. Donde tirar? Algumas decisões em alguns lugares invisíveis tiveram efeitos visíveis. Isso parece com o que os antigos do tempo de Novo Testamento temeram sob o nome de "principados", "poderes" e "autoridades," cujos efeitos temiam. (ST)

2º. comentário:

"PARE DE SOFRER!!!!" Esta é a mensagem mais ouvida nos programas religiosos transmitidos pela televisão. Estamos presenciando o surgimento de um cristianismo de onde a figura da cruz foi banida. Onde a dor e sofrimento é identificado com fraqueza espiritual e com o pecado. Um cristianismo competitivo e arrojado que compreende o "sucesso" como a marca da graça de Deus sobre as pessoas. No entanto o texto que lemos nos aponta para outra realidade. Este texto prepara o encerramento da carta de Paulo aos Tessalonicenses e volta ao tema da ação de graças. Esta igreja em Tessalônica, apesar de sofrida e perseguida, não é vista por Paulo como uma igreja que sofre porque é derrotada e pecadora. Pelo contrário, há aqui muitas referências à dor que os tessalonicenses estão sofrendo,



mas há também muitas referências à fé daqueles irmãos. Esta porção da carta, com toda certeza, pode ser vista como uma palavra especial de Paulo para aquela igreja sofredora. E é pensando nisso que propomos como tema de nossa reflexão: *"Uma mensagem apostólica para os momentos de dor"*.

Uma mensagem apostólica para os momentos de dor consiste, em primeiro lugar, em *reconhecimento de nossa condição espiritual*. Quando olhamos para o texto de hoje imediatamente nos salta aos olhos uma série de verdades que nos falam desta nossa condição espiritual. Aqui encontramos, por exemplo, que Deus nos escolheu (2:13), que Ele nos chamou (2:14), que Ele nos deu fé (2:13), nos santificou (2:13) e nos glorificará (2:14). Os termos usados pelo apóstolo neste texto falam, exatamente, sobre o plano de salvação. Este plano implica em uma ação realizada no passado, uma feita no presente e outra que será feita no futuro. No passado temos a *eleição*, ou seja, Deus nos escolheu para que fôssemos dele antes mesmo que tivéssemos nascido; no presente ele nos chama, nos dá a fé e nos santifica, para que no futuro, ele nos glorifique. A condição espiritual daqueles que estão em Cristo é, portanto, plena. E isso independe de nossa realidade financeira ou de saúde.

O Martírio de Policarpo é um exemplo do que pode fazer alguém que está consciente de sua situação espiritual. Diante de seu algoz, que o instava a negar sua fé em Cristo, ameaçando-o com a morte, Policarpo disse simplesmente: "Eu O sirvo a oitenta e seis anos, e Ele não me fez nenhum mal. Como poderia blasfemar o meu Rei que me salvou?". Este homem de Deus morreu envolvido pelas chamas que queimaram todo o seu corpo. Será possível dizer, conscientemente, que ele, e todos os santos e santas que experimentaram o martírio, morreram porque não tinham fé suficiente? Ou será que os falsos pregadores de hoje não estão traíndo a mensagem da cruz?

Uma mensagem apostólica para os momentos de dor consiste, em segundo lugar, na exortação a nossa perseverança na fé. Em um tempo em que a permanência e a constância é algo tão difícil, Paulo nos convida a permanecer. Mas devemos prestar atenção às suas palavras. Ele nos diz para permanecer firmes (2:15), mas imediatamente depois nos diz que é Ele, ou seja, o Senhor, quem nos manterá firmes e nos guardará do maligno (3:3). O mesmo ocorre com a guarda da tradição. Em (2:15) somos convidados a guardar a tradição, mas em (3:3) é Ele quem nos guarda. Destas palavras compreendemos que a perseverança é simultaneamente uma ordem e um dom. Ou como alguém já falou, "Deus nos dá tudo o que exige de nós".

No dia 29 de outubro de 2003, dentro de uma pequena paróquia católica, na região de Bahawalpur no Paquistão, 15 membros da igreja anglicana foram massacrados, inclusive seu pastor, Rev. Emmanuel Allah Ditta, por um radical islâmico. Eles estavam para encerrar a celebração dominical com a despedida, quando o atirador entrou e disparou sobre a congregação. O que dizer para aqueles cristãos que vivem em risco de vida simplesmente por serem cristãos? Que eles não têm fé? Que estão em pecado? Que lhes falta confiança em Deus? Não. Estes sim, são aqueles que têm mais fé. Que venceram o pecado e que estão dispostos a ir até ao martírio pela fé que abraçaram. Estes são os que ouvem a exortação de Paulo e, ainda hoje, sabem que sua esperança não se resume a esta vida.



Uma mensagem apostólica para os momentos de dor consiste, em terceiro lugar, *em súplica pela intervenção de Deus*. Quando olhamos para este texto aprendemos que nossa oração não deve ser simplesmente para que os problemas desapareçam e para que a perseguição cesse. Nossa oração constante deve ser pela propagação da palavra (3:1), por livramentos da perseguição (3:2), para que Jesus nos console (2:17), para que Jesus nos confirme (2:17) e para que Jesus nos conduza (3:5). Não se trata de fugir da realidade de que o mundo não ama a quem ama a Deus, mas de perceber que mesmo sendo odiado pelo mundo, temos que anunciar a mensagem de Deus, sob a orientação de Jesus.

Desde os seus primeiros ensaios que Nietzsche passou a ser visto por alguns como uma espécie de "profeta do niilismo". O niilismo era vista por ele como o mais perturbador hóspede de nossa casa; era como um visitante funesto, perambulando por todos os cômodos da casa sem que pudéssemos expulsá-lo. E o que significa o niilismo? Ele responde: "Que os valores supremos se depreciaram". Esta é sua crítica à nosso mundo moderno. Vivemos em um mundo sem valores. Inteligência sem sabedoria; democracia sem ética; riqueza sem distribuição de renda....um mundo sem futuro. Um mundo que se resume a este caos e a morte. Mas o testemunho unânime dos Evangelhos é que Jesus venceu a morte com sua ressurreição. Há uma esperança. A morte não tem a última palavra. Nem tudo está perdido. Eu ainda posso acreditar no futuro. Não preciso aceitar a ausência de sentido para a história. Deus ainda está no controle.

Diante de realidades como a que Jó estava vivendo, era fácil perder a fé no futuro. Mas eis que ele surpreende a todos quando diz que ainda que tudo se acabe, ele ainda veria seu Deus. Porque o seu redentor vive. Como você tem reagido diante dos problemas que te assolam? Tem você percebido que é alguém importante para Deus? Tem perseverado na fé, mesmo em meio a dor? Tem buscado forças para suportar a adversidade? (JLFA)

Santo Evangelho – Lucas 20.27 (28-33) 34-38

A leitura de hoje gira em torno da ressurreição. Os saduceus não acreditavam na ressurreição futura. Por que? E por que os fariseus aceitavam a doutrina da ressurreição? Os saduceus só aceitavam a autoridade da Lei escrita, isto é, o Pentateuco e não aceitavam a autoridade do Livro de Daniel, por exemplo, (12.2-3).

Os saduceus queriam embaraçar Jesus fazendo perguntas a partir da prática do levirato (Dt 25.5-6). No Livro do Deuteronômio está ordenado que, no caso de um irmão falecer sem descendência, é a obrigação de um irmão casar com a viúva para dar o nome à família. Se, nessa prática, uma viúva casar sucessivamente, de quem será a mulher na ressurreição?

Jesus afirma a ressurreição (vs. 35-37), e mostra aos saduceus que as instituições pertencentes a esta ordem das coisas não continuarão pós-ressurreição. Em outras palavras, as instituições terrenas não continuarão no céu. Todas as instituições e poderes são transitórios e provisórios. A continuidade entre o agora e o então está em Deus e na sua graça. E Jesus faz excursão mais profunda no



Pentateuco, lembrando-os de que Moisés disse a respeito de Deus como o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. A ressurreição é contrastada, por isso, com a imortalidade inerente na pessoa. A ressurreição é a dádiva da vida e vem de Deus. Assim, à luz da ressurreição, a vida é vista e vivida sob o ângulo do poder da graça.

Vs.34-35 - é uma extensão de Marcos 12.25. Em Lucas a ênfase recai no "não podem mais morrer" com referência aos filhos da ressurreição. Se não vão morrer, porque a preocupação com o futuro, com a continuidade da vida por meio de geração de filhos? O medo da morte não gera a questão da continuidade? Será que o texto sugere ascetismo sexual como forma de santificação? Para nós a questão não nos parece estar na ausência da sexualidade, mas no deslocamento do foco da sexualidade como geração de filhos para a sexualidade como uma forma de comunhão. Neste sentido, é proveitoso ver a doutrina do matrimônio exposta no Ofício de Matrimônio no Livro de Oração Comum, principalmente no seu Prefácio.

As três leituras convergem para um ponto comum: ressurreição, vitória contra o império da morte. De que modo?

O Evangelho proclama que Deus é o Deus da vida que oferece em Jesus a ressurreição como dádiva, como graça.

A manifestação da graça de Deus na ressurreição de Jesus é a derrubada do domínio da morte. Que é esse domínio da morte? Um dos aspectos fundamentais da dominação da morte é a vida voltada para si, luta pela auto-preservação e a incapacidade de se dar a si em favor de outrem, ausência da comunhão verdadeira. Assim a graça tem consequência na construção ética que leva em consideração a comunhão e a liberdade. Uma das indicações da morte é a absolutização e a projeção para a eternidade das instituições vigentes. Jesus afirmou que a vida da ressurreição não é a extensão do presente. Por isso, perguntar de quem será a esposa a viúva na ressurreição não tem sentido.

O clamor dos inocentes, por assim dizer, em Jó é ouvido na ressurreição de Jesus, a qual nos apresenta a imagem verdadeira de Deus.

A Epístola nos fala na vocação para o testemunho movida pela graça. A graça é Jesus Cristo. A comunidade de testemunho se organiza mais em termos de participação de todos, embora haja funções diferenciadas, e restringe qualquer "culto" de personalidade e de líderes, porque imitar Paulo, apóstolo, é imitá-lo na sua imitação de Cristo, que se expressa em várias condutas apostólicas. (ST)